

os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão  
palhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido t  
ro, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem e  
i uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que boa peça, patrãoz  
ncudo, pouco falante e desempenado. Calcinco o braço,  
Estou com ele diante dos olhos, com aquela roupa de jea, t  
ado à cinta um ferro comprido, afiado, punhando sempre,  
inho do que uma espada. Esse negro me dava de se ver, m  
sim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia que ertez  
ar a mão num cabra, o cabra era defunto. E quem bulia com  
outros. Vivia quieto, em seu canto. Um dia, pegando a d  
escravo de um homem lá das bandas do Carmão. Chegou  
to. Para que chegou, meu Deus! O patrão gostava de ver  
ueria que lhe tirasse o chapéu e lhe tomasse a cabeça. Daí,  
do Barqueiro, nome que lhe puseram por ter vindo do lado  
istórias esquentavam mais o patrão, que eu estava do do  
o no meio da rua, porque era homem de dar quando lhe f  
o Pascoal tínhamos medo de que o patrão tomasse Pedro  
Subiram de ponto esse receio e a ira do patrão, quando soub  
um batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Alameda Che  
os-Anjicos e o Juiz mandou prender a Pedro. Deram cerco à  
o batuque. Ah! Meu patrãozinho! O crime não foi lá que  
Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso  
do sempre; e com esse ferro deu pancas. Quando o cercaram a c  
o, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amare  
encostou-se a uma parede. Maria Nova não pôde me dar  
ção, apertando nos dedos um bentinho que brilha e jejava  
lustrosa. Chegaram a entrar na casa três homens da escolta  
los. Pedro tinha oração, e muito boa oração, contra armas  
o, caboclinho atarracado, ao entrar, escarapato no peito o pi  
go. Pedro Barqueiro caminhou sobre ele com uma maça da pólv  
sé Pequeno estava escornado no chão por um bom sangra  
m chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro cadava um c  
que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo  
Pedro evitava andar pela cidade, onde ele parecia de longe  
tinha medo dele e vivia adulando-o. Um dia, moço já lhe con  
ço pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era  
ro; mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão

# AFONSO ARINHO OS MELHORES CONTOS

TACET BOOKS

7 MELHORES CONTOS

---

Afonso Arinos

EDITADO POR

August Nemo

## O Autor

Afonso Arinos de Melo Franco (Paracatu, 1 de maio de 1868 – Barcelona, 19 de fevereiro de 1916) foi um jornalista, escritor e jurista brasileiro. Filho de Virgílio de Melo Franco e de Ana Leopoldina de Melo Franco; irmão do diplomata Afrânio de Melo Franco.

"Formado em direito (1889) em São Paulo, fixou-se depois em Ouro Preto, onde lecionou história do Brasil no Liceu Mineiro e fundou a Faculdade de Direito de Minas Gerais. Tornou-se um dos fundadores da Faculdade de Direito de Minas Gerais, passando a lecionar Direito Criminal. Em sua atuação como jornalista, teve vários trabalhos publicados na Revista do Brasil e na Revista Brasileira durante a década de 1890.

Na Academia Brasileira de Letras, foi o segundo ocupante da Cadeira 40, eleito em 31 de dezembro de 1901, na sucessão de Eduardo Prado e recebido em 18 de setembro de 1903 pelo Acadêmico Olavo Bilac. Em viagem à Europa, adoeceu no navio e veio a falecer em Barcelona em 19 de fevereiro de 1916.

Suas mais importantes publicações foram: Pelo sertão (1898), Os jagunços (1898) e a coletânea de artigos Notas do dia (1900). Postumamente ainda foram publicadas: O contratador de diamantes (1917), A unidade da pátria (1917), Lendas e tradições brasileiras (1917), O mestre de campo (1918) e os contos Histórias e paisagens (1921)."

## Pedro Barqueiro

— Eu lhe conto — dizia-me o Flor, quase ao chegar à Cruz de Pedra. — Naquele tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma meia-légua, trochada de aço, que era meu osso da correia.

E, consertando o corpo no lombilho, soltou as rédeas à mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para o lado, debruçando-se sobre a coxa, e apertou na unha polegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

— Estávamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, à viola — disse ele. — Eu estava recostado sobre os pelegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada toda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

Eis senão quando entra o patrão, com aqueles modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava, disse: — "Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos!" — apontando-me e ao Pascoal com o indicador; não preciso bulir nos meus peitos largos. — "O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho".

Para que mentir, patrãozinho? O coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão queria experimentar. Éramos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, troncudo, pouco falante e